

Sua Alteza, o astro geriátrico

TEXTO **SASKIA LOJA – ENTREVISTA EXCLUSIVA**

© Franco Vogt Photography / Rosewood Hotels

Aos 95 anos, de voz carregada de trejeitos judeus e nova-iorquinos, Iris Apfel tem mais vivacidade do que muitos *millennials*. Numa entrevista exclusiva, captam-se os rasgos espirituosos e as arrasadoras *boutades* a partir do seu apartamento de Nova Iorque, ainda em roupão de banho "branco e confortável" enquanto se prepara para uma sessão fotográfica.

Talvez fruto da longa experiência e cultura, Iris Apfel não se deixa (e)levar pelos ventos do estrelato. Fundou o império têxtil da Old World Weavers em 1950 com o falecido marido Carl Apfel, companheiro prazeirento das suas extravagâncias. Frieda Loehmann, fundadora da loja homónima, terá declarado o destino de Mrs. Apfel, dizendo-lhe: "Não és bonita, e nunca serás, mas não importa; tens algo muito melhor; tu tens estilo". Meio século depois, a ribalta flameja com os conjuntos exuberantes de Iris, que mergulhou num oceano de imprensa e compromissos publicitários.

Detentora de forte personalidade, Iris é capaz de balancear milimetricamente o orgulho despretensioso que revela nas conquistas e um toque *blasé* tão natural que atenua esses triunfos no instante seguinte. Um exemplo? Considera-se "a primeira mulher a usar *jeans*" mas desnorteia-nos com um *nonchalant* "eu era infantil na altura; nunca pensei que chegasse onde estou hoje. Usava-as *porque queria*".

Para alguém que não tem regras "porque só as iria quebrar", é fácil imaginar que a idade não constitui obstáculo. "Uma mulher é tão velha quanto parece…". Mas então que idade tem Iris? "Isso é para me vocês me dizerem *a mim*! Essa citação não é só sobre mulheres, é sobre homens; uma mulher é tão velha quanto parece, mas um homem nunca envelhece enquanto não parar de parecer". Outra característica polémica de Iris é o talento inato para empilhar joias e bijuterias. Oito pulseiras no mesmo braço? Fácil.

Harold Koda, curador do Instituto de Guarda-Roupa do MoMa, considera que Iris tem "a mais incrível coleção de joias *couture* personalizadas dos Estados Unidos". Tudo começou com um broche do tamanho de uma moeda. Foi a primeira peça que comprou. Namorou-a até conseguir juntar os necessários 65 centavos, "Tinha onze anos, e era louca por aquilo. Ainda o tenho! (…) Quer dizer, *era uma porcaria*, mas eu imaginava-o como sendo de filigrana dourada, com caixa e rebites como uma joia da Tiffany's"

Admirava o sentido de estilo de Pauline de Rothschild e de Millicent Rogers. "Tinham originalidade e um extremo bom gosto; eram espíritos livres, e claro, detinham o poder para se dedicar a essas indulgências". Iris tem os seus ídolos, mas detesta divas. Se é vaidosa? "Nem um pouco!"

A postura crítica é outra constante. Não segue tendências, e revolta-se quando vê listagens na imprensa como "5 peças que tem de comprar". Já não lê revistas de



© Chester Higgins Jr., *The New York Times*, Via Redux

moda. No original, sem papas na língua: "*I mean, I can wear something and it can look divine on me….or it might look like a horse's ass!*". Critica a juventude cega seguidora de celebridades arruinadas que "passa o dia todo a carregar em botões sem usar a imaginação. É preciso ser uma esponja e absorver; usar as capacidades que Deus nos deu". Sobre a vida e a paixão, declara que "precisamos de aprender por nós mesmos; mas temos de estar conscientes e abertos, sem seguir multidões" - Apfel também é professora convidada na Universidade do Texas. Quer concordemos com o seu sentido eclético de "mais é mais", ou sejamos defensores de um *capsule wardrobe* "desafiador das leis da Natureza", Iris deixa a sua bênção a um estilo pessoal e intransmissível: "Fico feliz por si desde que não seja imoral, ilegal ou faça engordar".

Descubra a aventura de Iris Apfel em Lisboa em epicur.pt/mais-epicur



© Swarovski Group